

CONTOS DE PROFESSORES: MITO, LITERATURA E CRIAÇÃO. A FÁBRICA DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Luís Henrique Ramalho Pereira¹

Resumo: A literatura é uma grande arte da criação, o mito o que o homem providencia para escrever o impossível a todo momento. Entre encenações e histórias mirabolantes decidimos colocar o professor no centro dessa história para se transformar em um palavreador, ou seja, um contador de histórias. E usando um dos mais fantásticos contadores da nossa literatura, deslizamos pelos mitos construídos a todo momento em nossa cultura para indagarmos: Como estão relacionados os mitos e a literatura, na estrutura dos contos de fada, por meio da obra *Lili inventa o mundo*, de Mário Quintana, acreditando na potência do contador de histórias como um propagador da tradição oral, advinda dos contos de fada e como o sujeito/criador/testemunha da construção subjetiva do *infante* pode produzir inscrições no confronto com o mundo. Este trabalho torna-se relevante na medida que estamos inseridos em espaços de promoção de cultura e acima de tudo pela responsabilidade de propagadores das palavras no campo da literatura.

Palavras-chave: Literatura. Mito. Conto. Fantástico. Criação.

Abstract: The literature is a great art creation and the myth is what men provide to write the impossible at every moment. Between little drama and fancy stories we decide to place the professor in the center of this story to become transformed in a verbiage, what means a storyteller. And using one of the most fantastic storytellers of four literature we went through the myths built at every moment in our culture to inquire: How are related the myths and the literature in the structure of the fairy tales through *Lili invents the world* from Mário Quintana, believing in the potential of the storyteller as a propagator of the oral tradition, arising from the fairy tales and as a subject/creator/witness in the subjective building of *infant* producing inscriptions in the world confrontation. This study becomes important since we are inserted in spaces of culture promotion and, moreover, because of the responsibility of propagators of the word in the literature field.

Keywords: Literature. Myth. Tale. Fantastic. Creation.

1 Mestre em Educação UFSM. E-mail para contato: luishp7@yahoo.com.br

ERA UMA VEZ...

A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer (QUINTANA, 1983, p. 6).

O poder unificador dos mitos é o que une a literatura e o contador de histórias, pois o mito instaura no campo simbólico uma lei, um processo calcado no imaginário/fantástico puramente provocador. No mito, as inscrições vão sendo feitas pelas palavras andantes, e o mito se difunde assim, pela fala, mas o fantástico mundo da criação é a possibilidade dos escritos tomarem esse mesmo contorno de propagação, de inscrição, onde do todo (coletivo) poderíamos nos confrontar com o uno (individual), e dessa forma não deixamos nunca de nos remeter à função simbólica propriamente. E vinculado a esse imaginário/fantástico, a esse mito individual que nos propomos articular este trabalho, colocando no centro da tradição oral o contador de histórias e os contos de fada, pois os contos de fadas estão fadados ao mundo maravilhoso da invenção. O mito é necessário e irremediável, ele preexiste como ato criativo e experiência contra o inexplicável ao enigmático, sendo assim, formulamos mitos que inauguram as relações sociais. A educação em seu ato fundador coloca-se na perspectiva inventiva e polifônica ao ponto de se engajar pela contínua manifestação da tradição oral vinculada ao mito, ou seja, pelas histórias que alimentam a matriz simbólica de nossa infância.

Um escrito que pretende mergulhar na potência criadora das histórias produz uma responsabilização pelo ato de fecundar o mito no interior do registro simbólico, ou seja, engaja o narrador em um tempo/espaço muito específico, o do infantil. O mestre é um provocador/fingidor da brincadeira infantil, maneja necessariamente com as palavras e recorta o mundo encantado que inaugura o movimento de vertigem do sujeito leitor. A maestria joga com o irremediável da criação/ficção. O educador é acima de tudo mestre no manejo da arte de contar histórias utilizando o refino forjado pelos contadores anteriores. É também um propagador da tradição oral e, portanto, um armazenador de mitos, ou seja, um *palavreador* incerto da arte de narrar.

Sendo assim o renascimento/morte dos contos está jogado em um âmbito composto de heranças, tradições e escrita, onde o educador desliza para promover um encontro provocativo com o mito. Esse artigo propõe pensarmos o lugar de transmissão oral e fomento do conto infantil no universo do aprender. Este trabalho tem como objetivo principal relacionar o mito e a literatura na estrutura dos contos de fada por meio da obra *Lili inventa o mundo* de Mário Quintana, acreditando na potência do contador de histórias como um propagador da tradição oral, advinda dos contos de fada e como o sujeito/criador/testemunha da construção subjetiva do *infante* pode produzir inscrições no confronto com o mundo.

Considero a importância investigativa e interpretativa do mito, sendo ele uma interpretação, um mito que da borda do coletivo ao individual, um mito que faz marca em um sujeito em transmutação, pois já se havia anunciando que a literatura e o mito estão em um processo de troca constante, quase que ininterrupta. Essa potência interpretativa está jogada no laço do contador de história e a criança embebida pelo

enredo inebriante dos contos de fada promove uma borda que enlaça os registros produzidos pelo narrador. Sendo assim, quando se pensa em estudar a contribuição do mito e do contador de histórias, cria-se um espaço de intersecção valioso com a literatura, busca-se brincar com as palavras, pois brincando se expressa o infantil, podendo abrir um flanco reflexivo para compreendermos algumas manifestações sociais tão presentes em nossos dias.

Nossa pesquisa torna-se relevante na medida em que traça uma linha de aproximação entre mito, literatura infantil e o narrador despretenso/engajado. Não podemos perder de vista que os contos que narram a criação do mundo poderiam ser apenas lendas perdidas na história se não fosse por um porém - sobre elas, o homem fundou suas crenças e civilizações, como se seus deuses lhe tivessem deixado manuais de instrução para a vida no universo recém-criado.

A literatura sempre foi um grande aliado do mito, pois essa relação não é perene, como o mito que se inscreve como uma marca impossível de ser apagada. O que sustenta o mito é o seu caminho comunicativo, sua fluidez na história, o tempo cronológico se transformando em compasso de inscrição, uma autenticação legítima que apenas o tempo poderia nos garantir, isso chama-se história. O ingresso da potência oral produz uma figura; a do contador de histórias, que promove um laço e um ato testemunha capaz de sustentar um espaço de invenção por parte da criança. Testemunho, em nossa língua, é um substantivo que afirma o fato de se ter visto ou ouvido algo em ação. É aquele que, como testemunha, legitima um ato, ou seja, aquele que compartilha, afirmando ou negando, uma experiência. Testemunhar/ contar nos joga em direção ao ato criativo, um ato de ficção incessante que tanto o contador de histórias como a criança estão enredados, calcando vestígios fantasmáticos de heranças orais que dizem da cultura. Uma série de formações fantasmáticas, de ficções e verdades articulam-se durante a infância, como nos afirma Tavares (1998), o infantil no sujeito, por ser uma estrutura, permanece durante toda a sua vida, determinando o laço social e por consequência a cultura. Os infantes têm uma predileção pelas histórias propagadas por alguém familiar, existe sim uma transmissão feita no ato discursivo, um discurso oral, onde a palavra marca, bordea o que vem além. Esse fascínio provocado pelas histórias nas crianças, está diretamente articulado pela brincadeira do significante, permitindo explicações, das mais variadas, sobre si mesmas e, portanto, sobre a vida, sendo assim a afirmação de um saber sobre si, saber esse que é da mesma natureza dos adultos Tavares (1998).

Os contos de fadas primam pela polivalência interpretativa, que sugere um certo saber, mas que não conclui, não responde definitivamente o grande questionamento, “reproduz a própria condição da estrutura do sujeito em relação ao grande Outro. Isto é, a colocação de um saber numa posição que permita à criança inverter a demanda do Outro, de modo a lhe propiciar a articulação de um saber e não uma mera ecolalia” Tavares (1998, p. 105).

VIVER

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijamas e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos....
(QUINTANA, 1983, p. 14)

Novos mitos nascem constantemente, “influenciados” pelos antigos e com sua carga de originalidade. O mito por si só já é interpretação, interpretar uma leitura do antigo seria por meio da leitura do novo, um ato propriamente de apropriação. Eles podem ser universais ou regionais, naturais ou construídos com uma proposta ideológica. As classificações mais comuns e fáceis de constatar para os mitos contemporâneos são três: os literários, os político-heróicos e os cinematográficos. Em seu sentido mais direto e imediato, o mito literário seria aquele que nasceu da literatura, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *o Lobo Mau*, entre outros (Compagnon, 2001).

Essa trajetória do mito em Lacan (1980) retoma a história do indivíduo fantasticamente, continuando o mito individual inacessível, tendo cada remontagem do mito uma refilmagem de sua história, porque o mito aqui retratado pelo autor, não é o mito real, mas sim, o inscrito na ordem do imaginário e do simbólico.

A literatura infantil regimenta forças para inscrever/descrever fatos, pessoas e morais que o mito poderia identificar, e porque não, interpretar. A obra singulariza coletivizando, mostrando-nos que a constituição do sujeito se dá por marcas históricas, que o humano é uma invenção do próprio homem, enquanto símbolo. Os mitos como reveladores da nossa história são insígnias do coletivo ao individual, seriam como vias secundárias do processo do humano, e aí é que a obra pode contribuir com o entendimento do mito, onde do coletivo pode escapar promovendo significações do individual, uma revelação.

O mito também é fantasia e imagem interferido na lógica coletiva, uma interação que garante um confronto, o desvelar da experiência do humano, a experiência da constituição do sujeito.

SOBRE O MITO

O mito se dá como um sistema de comunicação, uma mensagem que se propaga pela fala, ou melhor, o mito consiste na própria fala. Portanto, tudo pode ser produtor de mito, desde que seja passível à jurisdição do discurso. Sendo o mito uma mensagem, nada mais justo que pensarmos o mito como definido pelo objeto da mensagem que ele profere. A mitologia constitui-se como um resgate na dimensão da captura do passado, visto que o mito é uma fala pré-identificada pela história que a compõe, ou seja, o mito está inscrito em uma fala pré-organizada pela

ordenação histórica do mundo real. A fala mítica, inserida na lógica historicista, prima pela conceitualidade imagética, sendo assim, a matéria-prima do mito é transformada em representação gráfica, pressupondo uma consciência significativa que a constitua (BARTHES, 2001).

Os mitos são histórias de nossa vida, de nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos, promovendo construções e, portanto, uma ficção. Mitos são pistas para as potencialidades da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. O mito é o relato da *experiência* de vida. Portanto, remete à mitologia a dimensão da existência ou, por que não dizer, uma olhada ao passado para identificarmos a realidade na qual estamos imersos (BARTHES, 2001).

Os mitos pressionam a tomada de consciência. Os mitos apanham e arrebatam o homem para um lugar no passado há muito esquecido, para as profundezas do seu Eu. Consequentemente, estão muito perto do inconsciente, de uma insígnia escrita no social, e por isso são infinitos na sua revelação. Nada mais justo do que utilizá-los como uma ferramenta interpretativa dos signos impressos, algo que nos permita torná-los traduzíveis e, portanto, mantê-los como significantes vivos na cultura (CAMPBELL, 1995).

Lévi-Strauss (1989), em seu estudo sobre o mito (*Mythologiques*), (denominado Antropologia Estrutural), a narrativa oral corria da esquerda para a direita num eixo diacrônico, num tempo não reversível, enquanto que a estrutura do mito (por exemplo, o que trata do nascimento ou da morte de um herói), sobe e desce num eixo sincrônico, num tempo que é reversível. Os mitos nada revelavam sobre a ordem do mundo, serviam muito para entender o funcionamento da cultura que o gerou e perpetuou.

O mito pode ser definido como “conjunto narrativo consagrado pela tradição e que manifestou, pelo menos na origem, a irrupção do sagrado, ou do sobrenatural, no mundo” Lévi-Strauss (1989). Ele pode, em algum momento de sua história, tomar algumas significações abstratas, tornando-se prisioneiro de um tema que tende a captá-lo irrevogavelmente. Dessacralizado, o mito é conforme pensa Lévi-Strauss (1989), uma massa de significados virtuais, uma fonte de variantes ou de prolongações narrativas.

O mito é formado e origina-se de unidades constitutivas, o que Lévi-Strauss (1985) preferiu chamar de *mitemas*. Os *mitemas* implicam a presença de fonemas, morfemas e semantemas, tal como normalmente ocorre na estrutura da língua, mas que estão em um grau superior a estas unidades.

Lévi-Strauss (1985) introduz noções sobre o mito no seu texto, no capítulo intitulado “A estrutura do Mito”. O autor inicia uma articulação sobre fundamentação mítica e afirma: “se o conteúdo do mito é inteiramente contingente, como compreender que, de um canto a outro da terra, os mitos se pareçam tanto?” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 241). Para Lévi-Strauss (1985), o mito e a linguagem coadunam-se, sendo que o mito é parte integrante da própria linguagem e é pelo

instrumento da palavra que ele se faz conhecer. Segundo o autor, o mito se dá prioritariamente por meio do discurso falado e se configura, ou melhor, se define como um “sistema temporal”, pois nos traz informações sobre acontecimentos do passado. Esse valor mítico se dá por meio do que Lévi-Strauss (1985) preferiu chamar de “uma estrutura permanente”.

Nesse sentido, Lévi-Strauss (1985) acredita no poder de análise do mito, pois ele está inscrito no domínio da palavra.

A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que é relatada. O mito é linguagem; mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado, e onde o sentido chega; se é lícito dizer, a decolar do fundamento lingüístico sobre o qual começa rolando (LEVI-STRAUSS, 1985, p. 242).

Lévi-Strauss (1985) promove “conclusões provisórias” sobre os mitos, sendo a primeira delas a formulação do sentido do mito, afirmando que este não pode ser isolado, mas combinado, ou seja, podendo haver diversas formas da combinação dos *mitemas* em sua estrutura. A segunda formulação do autor seria que o mito provém da linguagem, algo bastante sustentado por ele por meio da leitura da linguística estrutural de Saussure. Entretanto, para o autor, a linguagem como é utilizada no mito, “manifesta propriedades específicas”.

Lévi-Strauss (1985) afirma haver uma passagem fundamental entre cultura e natureza. Essa consiste na imposição de uma lei, que poderia permitir a aliança, outorgando certas uniões e proibindo outras. Para a compreensão lacaniana a passagem entre natureza/cultura é a linguagem, o momento em que deparamos com a necessidade de falar, o momento da metáfora, da incorporação ao simbólico. Mas para Lévi-Strauss (1985) nem tudo entra no simbólico, como as memórias estruturantes. O mesmo autor afirma que a repetição tem uma função própria, que é a de tornar manifesta a estrutura do mito.

No texto “*O mito individual do Neurótico*”, Lacan (1980) promove algumas interlocuções sobre o mito e as questões psicanalíticas. O mito em sua construção não obedeceria a uma lógica, pois é possível pensar um poder interpretativo do mito, ele sobe a via de múltiplas perspectivas e, portanto, constituiria a “busca de um tempo perdido”. O mito em si já se constituiria como uma interpretação desde o primeiro momento, ou melhor, desde sua criação, visto que os desdobramentos possíveis são inesgotáveis e estariam inscritos na ordem imaginária.

Para Lacan (1980), por meio da noção do real (buraco ou falha), o sujeito buscaria no seu mito familiar a ancoragem mítica, já que o mito se dá na busca do tempo que não virá mais e sim na constituição da realidade. A articulação de elementos míticos na história do sujeito se dá por meio da articulação estabelecida pela realidade escrevendo-se na ordem simbólica. Segundo Lacan (1980), o mito retoma a história do indivíduo fantasticamente, continuando o mito individual inacessível, tendo cada remontagem do mito uma refilmagem de sua história, porque o mito aqui retratado por Lacan, não é o mito real, mas sim inscrito na ordem do

imaginário e do simbólico. O mito original seria em si a verdade inacessível de cada um, como o trauma, sendo que esse trauma é passível de interpretações.

Quando Lacan (1980) traz à luz questões do mito, ele afirma que o mito remete à realidade. Essa pressiona o imaginário e o simbólico e, a partir disso, surge o mito. Por isso o mito é da ordem de uma ficção, posto que, o sujeito cria verdade para relatar a realidade, que não seria a verdade.

O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir - e isto, de um modo mítico. É nesse sentido que se pode dizer que aquilo em que a teoria analítica concretiza a relação intersubjetiva, e que é o complexo de Édipo, tem um valor de mito (LACAN, 1980, p. 49).

CONTOS DE FADA OU CONTOS DE FREUD?

Em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras (FREUD, 1998[1913], V.XII, CD-ROM).

Os elementos e situações derivados de contos de fadas podem também ser encontrados em sonhos. Interpretando as passagens em apreço, o paciente produzirá o conto de fadas significativo como associação. No presente artigo, darei dois exemplos desta ocorrência muito comum, mas não será possível fazer mais que aludir às relações entre os contos de fadas e a história da infância do que sonhou e sua neurose (FREUD, 1909).

Freud (1909) afirma que embora esse material não seja novo, procede do tesouro popular dos mitos, lendas e contos de fadas. Ainda está incompleto o estudo de tais construções da psicologia dos povos, mas é muito provável que os mitos, por exemplo, sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os *sonhos seculares* da humanidade jovem. Para Freud (1908), todas as investigações o levam a pensar que esse poder de criação está intimamente ligado a sua capacidade de fantasiar no brincar.

Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brincar ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispende na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brincar, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o 'brincar' infantil do "fantasiar" (FREUD, 1998[1908], in: CD-ROM).

O MITO DA VERDADE E DA MENTIRA

O mundo infantil é um mundo fantástico, um mundo de muitos enredos e personagens que escamoteiam por entre os cômodos da casa, ou seja, um mundo em que o faz de conta é uma ficção necessária e constitutiva do sujeito. Brincar, fantasiar insere a criança no mundo da criação e, portanto, no mundo do faz de conta. Nesse mundo de faz de conta, onde estão a verdade e a mentira? Como elas se relacionam com os sujeitos? No mundo do faz de conta, as crianças fazem, ou seja, tudo se transforma em um ato fantástico, criando para si uma mitologia individual com o intuito de explicar elementos ainda não explicados.

MENTIRAS

Lili vive no mundo do faz-de-conta... Faz de conta que isso é um avião. Zzzzzuuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! Onde está o mocinho? No auge da confusão, levaram Lili para cama, a força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma latinha de sardinha (QUINTANA, 1983, p. 6).

FINAL DO CONTO

O sujeito de que falamos é responsável por sua ficção e por seu roteiro, portanto são aventureiras de si mesmo. Constroem percursos de estranhamento em busca de marcas ou inscrições simbólicas de um passado recente, essas marcas são vestígios nada indeléveis, são rasuras profundas e perpétuas que nos acompanham. A vida não é mais restrita a viver, ela é experiência, sonhos e ficção de nós mesmos. Mario Quintana encerra Lili inventa o mundo com um fragmento que nos coloca frente a um espelho chamado vida: “Eis que descubro um retrato meu, aos 10 anos. Escondo, súbito, o retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri!” (QUINTANA, 1983, p. 40).

Contar-se como um espelhamento disforme insere o sujeito no campo do confronto possível, joga o autor em um mundo de reminiscências e duelos. Os contos de fada criam uma mitologia própria para nossos medos e angústias modernas, servindo para amparar o sujeito na esfera do coletivo e do compartilhado, sendo assim, fizemos uso do material literário/mitológico para sustentarmos discursos sociais que expliquem certas práticas acolhidas por todos como do campo moral. Segundo Foucault (2006), a moral compõe uma legião de regras e normas a serem rigidamente cumpridas e que foram sugeridas aos sujeitos por meio de vários aparelhos prescritivos, como a família, as instituições escolares e o governo. Essas regras são muito bem explicitadas por tais aparelhos, desencadeando necessariamente um ato de inteira submissão por parte dos indivíduos.

Ocorre, portanto, um ensinamento doutrinário prescrevendo o código em questão, intitulado “código moral”. Mas parece ser inevitável a transmissão de códigos confusos e camuflados, que fogem de uma sistematização, constituindo o

que Foucault (2006) intitulou como jogo complexo. Devemos lembrar que o filósofo francês entende por moral também o comportamento da realidade dos indivíduos em relação aos valores propostos por uma sociedade, ou seja, a maneira como cada um se submete aos princípios de conduta vigentes. Portanto, refere-se a como cada um, em sociedade, resiste ou obedece aos princípios outorgados e definidos dentro de uma gama conceitual, pela qual respeitam um conjunto de valores empregados em regime. Assim, a forma como se conduzem ou a maneira como devem se construir como sujeitos aprisionados frente a um código de alteridade, os define com moralidade comportamental.

Sendo assim, a experiência da literatura seria algo do ilimitado, do intransponível, do impossível, sendo um efeito daquilo que nos afronta terminantemente como a loucura, a morte, ou a sexualidade. A experiência é, portanto, algo que se dá solitariamente, mas que efetiva-se somente quando outros podem atravessá-la ou cruzá-la (Revel, 2005).

Deleuze (1997) afirma que escrever é impor uma forma de expressão na matéria do vivido, pois:

Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível (DELEUZE, 1997, p.11).

O que produzimos como registro sempre está jogado para a morte, pois a escrita se dá como desvios mortais lá onde a língua é feminina; ou seja, a escrita está jogada olímpicamente para a morte. Para Deleuze (1997), escrever não é narrar recordações, não é um encontro com a realidade vivida e tampouco devaneios imaginativos, a literatura se dá pela via inversa, busca encontrar um singular no homem.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo : Associação Palas Athena , 1995

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria*. Belo Horizonte: Himanitas.2001.

DELEUZE, Crítica e clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. Coleção dito & escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREUD, Sigmund. “Gradiva” Jensen e outros trabalhos. Romances Familiares In: A Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em CD-ROM, V. IX. (1909 [1908]): Imago, 1998.

_____. “Gradiva” Jensen e outros trabalhos. Escritores criativos e Devaneios In: A Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em CD-ROM, V.IX. (1906-1908): Imago, 1998.

_____. A ocorrência , em sonhos de material oriundos dos contos de fada. In: A Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud em CD-ROM, V.XII. (1913) : Imago, 1998.

LACAN, Jacques. O mito Individual do Neurótico. edição:124, Lisboa: SCARL, 1980.

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.

QUINTANA, Mario. Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

REVEL, Judith. Foucault: Conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

TAVARES, Eda E.. No reino dos pequeninos. Revista da associação Psicanalítica de Porto Alegre, a. 8, n. 15. Porto Alegre: Artes e ofício, 1998.